

14º Seminário Nacional Sociologia & Política
Saberes em Confluência
GT 06 - Pensamento Político na América Latina

Fernando Henrique Cardoso como ideólogo

Rodrigo Bischoff Belli¹

INTRODUÇÃO

A análise das intelectuais enquanto sujeitos históricos constitui uma dimensão fundamental para a compreensão das formas pelas quais as ideias são produzidas, difundidas e legitimadas em determinadas formações sociais. As ideias não emergem de maneira autônoma nem se desenvolvem em um plano puramente abstrato: ao contrário, estão profundamente enraizadas nas relações sociais e nas disputas que estruturam o mundo histórico. Nesse sentido, investigar trajetórias intelectuais significa também investigar as condições sociais que tornam determinadas formulações possíveis, bem como os interesses e posições sociais que elas expressam ou procuram legitimar.

Essa perspectiva encontra respaldo na obra de Antonio Gramsci. Para o pensador sardo, as intelectuais não constituem um grupo isolado ou simplesmente dedicado à produção desinteressada do conhecimento². Elas desempenham funções específicas na organização e na

¹ Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, professor adjunto contratado em regime especial junto ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Londrina, rbbelli@uel.br.

² Formulações dessa natureza podem ser identificadas, de um lado, na concepção de *intelligentsia* socialmente desvinculada (ou livremente flutuante) proposta por Karl Mannheim (2001) e, de outro, na normatização do *disinterestedness* (desinteresse científico) presente na obra de Robert K. Merton (2013).

manutenção de uma determinada hegemonia. Em outras palavras, a atividade intelectual está profundamente articulada à estrutura das relações de poder, contribuindo para a elaboração e difusão das concepções de mundo que sustentam ou confrontam determinados interesses cristalizados socialmente.

A noção gramsciana de intelectual amplia significativamente a compreensão tradicional da categoria. Antes associada à erudição, restringindo o uso do termo na adjetivação dos produtores legitimados de saberes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), Gramsci propõe que cada grupo social cria seus próprios intelectuais, responsáveis por elaborar, sistematizar e difundir as ideias que dão coerência à sua atuação histórica. Essas intelectuais atuam como mediadores entre as estruturas sociais e as formas de consciência que permitem sua reprodução (GRAMSCI, 2000).

Nessa perspectiva, estudar uma intelectual significa investigar simultaneamente dois planos interligados. De um lado, é necessário compreender as posições que ela ocupa nas diferentes dimensões sociais e as disputas que as atravessam. De outro, torna-se fundamental analisar como sua produção intelectual contribui para consolidar determinadas interpretações da realidade, influenciando práticas sociais, orientações políticas e formas de organização coletiva.

Essa abordagem implica reconhecer que as intelectuais participam ativamente das relações de força presentes em cada conjuntura histórica. Suas formulações teóricas não apenas refletem tais relações, mas também intervêm nelas, contribuindo para redefinir seus contornos. Ao elaborar interpretações sobre a sociedade, o desenvolvimento histórico ou as possibilidades de transformação social, as intelectuais ajudam a delimitar o horizonte de possibilidades percebidas por seus grupos sociais.

É precisamente nesse ponto que a reflexão gramsciana converge com elementos fundamentais da crítica elaborada por Karl Marx. Para Marx, as ideias dominantes em uma dada formação societal correspondem, em grande medida, às ideias da classe dominante. Isso não significa que a produção intelectual seja simplesmente determinada de forma mecânica pelas estruturas econômicas, mas indica que os sistemas de pensamento tendem a expressar e legitimar determinadas relações sociais. As formas ideológicas, nesse sentido, desempenham papel crucial na reprodução das estruturas de dominação (MARX; ENGELS, 2007).

A partir dessa articulação entre as contribuições de Marx e Gramsci, torna-se possível compreender a atividade intelectual como um terreno estratégico das disputas sociais. Os conceitos, categorias analíticas e interpretações da realidade elaborados pelas intelectuais não

são neutros: eles participam da construção de visões de mundo que podem tanto reforçar quanto questionar as estruturas existentes.

Dessa forma, a análise de trajetórias intelectuais específicas pode revelar aspectos importantes das transformações históricas mais amplas. Ao examinar as posições assumidas por determinadas intelectuais ao longo do tempo, bem como as mudanças em suas formulações teóricas, é possível identificar as tensões e os deslocamentos que atravessaram a conjuntura em questão.

É nesse quadro teórico que a trajetória de Fernando Henrique Cardoso adquire especial relevância. Sua atuação atravessa diferentes dimensões da vida social na relativamente recente conjuntura brasileira e internacional. Como sociólogo, Cardoso participou ativamente de debates centrais das ciências sociais brasileiras e se tornou referência teórico-metodológica em outros ambientes acadêmicos, especialmente aqueles relacionados à interpretação do desenvolvimento capitalista e às possibilidades de transformação social na periferia do sistema mundial. Posteriormente, sua atuação política o colocaria no centro de processos decisivos da reorganização do Estado brasileiro no contexto da consolidação da dinâmica neoliberal em nosso território.

Essa combinação entre produção intelectual e atuação política justifica tornar a figura de Cardoso um objeto de estudo a partir da categoria gramsciana de intelectual, permitindo examinar como determinados conceitos e interpretações teóricas podem ser mobilizados em diferentes momentos históricos, articulando-se a projetos políticos específicos e contribuindo para a reconfiguração de forças hegemônicas.

DESENVOLVIMENTO

A trajetória intelectual de Fernando Henrique Cardoso no interior das ciências sociais brasileiras constitui um ponto de observação privilegiado para compreender as transformações do pensamento crítico no país ao longo da segunda metade do século XX. Formado na Universidade de São Paulo, Cardoso participou de um ambiente intelectual particularmente dinâmico, marcado pela consolidação institucional das ciências sociais e pela intensa circulação de debates teóricos que buscavam interpretar o processo de formação histórica do capitalismo brasileiro³.

³ A fundação do curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo insere-se em um projeto intelectual e político mais amplo das elites paulistas no período, voltado à formação de quadros dirigentes e à produção de um saber sistemático sobre a sociedade brasileira. Como destaca Irene Cardoso (1982), a criação da USP esteve

Durante as décadas de 1960 e 1970, esse ambiente foi profundamente marcado pela recepção e pela reelaboração das categorias analíticas desenvolvidas por Karl Marx⁴. A leitura sistemática de *O Capital* tornou-se uma referência central para diversos grupos de pesquisadores que buscavam compreender as especificidades do desenvolvimento capitalista em sociedades periféricas. Nesse contexto, os seminários de leitura⁵ da obra marxiana realizados na Universidade de São Paulo desempenharam um papel importante na formação de uma geração de cientistas sociais que procurava articular análise empírica rigorosa e reflexão teórica de inspiração marxista.

Cardoso esteve diretamente envolvido nesse processo. Sua participação nesses grupos de estudo contribuiu para consolidar sua posição no campo acadêmico brasileiro, associando sua trajetória intelectual a um momento de renovação teórica das ciências sociais. A apropriação das categorias marxianas não se limitava, nesse contexto, a uma adesão doutrinária; tratava-se antes de mobilizar instrumentos analíticos capazes de interpretar os processos históricos específicos da sociedade brasileira, particularmente aqueles relacionados à industrialização, à dependência econômica e às formas de inserção periférica no sistema capitalista internacional (RODRIGUES, 2025).

É nesse quadro que se insere a elaboração da chamada teoria da dependência, formulada por diferentes autores latino-americanos ao longo dos anos 1960 e 1970. Embora não constitua um corpo teórico homogêneo⁶, esse conjunto de reflexões procurava explicar por que o

vinculada à tentativa de recomposição da hegemonia dessas elites após a crise de 1930, articulando a institucionalização do ensino superior às discussões então candentes sobre a identidade nacional e os caminhos do desenvolvimento no país.

⁴ A recepção do pensamento marxiano no Brasil não ocorreu inicialmente no interior das universidades, estando vinculada às práticas políticas do movimento operário desde o início do século XX, como lembra Leandro Konder (2003). A incorporação sistemática de suas categorias no meio acadêmico ocorre a partir dos anos 1950 e 1960, quando passam a integrar de modo mais consistente a produção nas Ciências Humanas, como ressalta Carlos Nelson Coutinho (2010). Entretanto, o marxismo ainda não constituía um cânone consolidado, sendo objeto de disputas teóricas e apropriações heterogêneas no interior das universidades, como afirma Roberto Schwarz (2014).

⁵ O principal desses esforços foi o chamado “Seminário d’O Capital”, organizado no início da década de 1960 na Universidade de São Paulo, que reuniu um conjunto de jovens professores e pesquisadores interessados em realizar uma leitura sistemática da principal obra marxiana. Pela análise de Lidiane Soares Rodrigues (2012), o grupo se formou a partir de afinidades intelectuais e da insatisfação com as interpretações então correntes do marxismo, estruturando-se como um espaço coletivo de estudo rigoroso. Entre seus participantes, com diferentes níveis de envolvimento ao longo do tempo, figuram José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Paul Singer, Ruth Cardoso, Bento Prado Jr., Roberto Schwarz e Michael Löwy, entre outras.

⁶ Arriscamos dizer que o caráter heterogêneo das chamadas teorias da dependência decorre da pluralidade de matrizes teórico-metodológicas presentes na intelectualidade latino-americana na conjuntura da Guerra Fria, marcada por intensas disputas. Sob a denominação “teoria da dependência” reúnem-se perspectivas distintas a respeito tanto ao diagnóstico das formas de inserção periférica no capitalismo quanto às estratégias de enfrentamento dessa condição. Em comum, tais abordagens estabelecem um diálogo crítico com as interpretações do desenvolvimento formuladas no âmbito da CEPAL, ainda que variem quanto às suas conclusões: enquanto algumas enfatizam a necessidade de superação das estruturas de dependência, outras admitem a possibilidade de formas de desenvolvimento capitalista no interior dessas mesmas relações, como conclui Guido Mantega (1992).

desenvolvimento capitalista em países periféricos assumia formas distintas daquelas observadas nas economias centrais. Em vez de conduzir automaticamente à convergência com os padrões de desenvolvimento das nações industrializadas, a expansão do capitalismo nas periferias parecia reproduzir e aprofundar relações de subordinação econômica e política no interior da economia mundial (DOS SANTOS, 1970; MARINI, 2005).

Nesse debate, a contribuição de Cardoso destacou-se particularmente por sua tentativa de articular a análise da dependência com a dinâmica interna das formações sociais latino-americanas. Em trabalhos desenvolvidos em parceria com outros pesquisadores, ele procurou demonstrar que a dependência não implicava necessariamente a ausência de desenvolvimento capitalista. Ao contrário, determinadas formas de crescimento econômico poderiam ocorrer mesmo sob condições de subordinação estrutural, desde que articuladas a alianças específicas entre frações das classes dominantes locais e interesses do capital internacional (CARDOSO; FALETTTO, 2011).

Essa interpretação introduzia uma nuance importante no debate sobre o desenvolvimento latino-americano. Ao enfatizar a possibilidade de um desenvolvimento dependente, Cardoso deslocava o foco da análise para as formas concretas de articulação entre estruturas econômicas internacionais e configurações sociais internas. A dependência deixava de ser concebida apenas como um obstáculo absoluto ao desenvolvimento e passava a ser analisada como uma forma particular de inserção no capitalismo global (CARDOSO, 1972; CARDOSO; FALETTTO, 2011).

Esse deslocamento teórico teve implicações significativas no interior do campo intelectual. Por um lado, aparentou ser uma ampliação o alcance analítico das categorias marxianas, adaptando-as à compreensão das especificidades históricas das sociedades periféricas⁷. Por outro, abriu espaço para interpretações que enfatizavam a capacidade de

⁷ A inserção de Cardoso nesses debates teóricos também dialogava, ainda que de forma não orgânica, com as discussões travadas no interior do Partido Comunista do Brasil (à época, ainda PCB) acerca da natureza do desenvolvimento capitalista no país e das estratégias políticas dele derivadas. Naquele momento, predominava no partido a leitura que caracterizava o Brasil como uma formação marcada por resquícios semifeudais, o que fundamentava a defesa de uma etapa democrático-burguesa como condição prévia à transição ao socialismo. Essa interpretação contrastava com a análise de Caio Prado Júnior, que enfatizava o caráter já integrado e especificamente capitalista da formação social brasileira. Conforme sugere o próprio Cardoso a Marcelo Ridenti (2005), suas formulações aproximam-se dessa segunda perspectiva, ao reconhecerem a dinâmica própria do capitalismo dependente no país e ao deslocarem o eixo da análise para as formas de articulação entre desenvolvimento e dependência. À luz do posterior esgotamento da estratégia política do PCB, é possível conjecturar que esse tipo de interpretação apresentava maior aderência às determinações concretas da realidade brasileira no período.

determinadas elites nacionais de conduzir processos de modernização econômica mesmo sob condições de dependência estrutural⁸.

A ambiguidade dessa posição teórica se tornaria um dos aspectos centrais da trajetória intelectual de Cardoso. Ao mesmo tempo em que sua obra dialogava intensamente com categorias derivadas da tradição marxista, ela também introduzia elementos interpretativos que se afastavam de leituras mais ortodoxas do marxismo latino-americano. Em vez de enfatizar a centralidade da luta de classes como motor das transformações históricas, suas análises frequentemente privilegiavam os arranjos institucionais e as alianças políticas capazes de viabilizar determinados projetos de desenvolvimento.

Essa posição intermediária contribuiu para que Cardoso ocupasse um lugar singular no campo das ciências sociais brasileiras. Ele transitava entre diferentes tradições teóricas e espaços institucionais, articulando referências do marxismo, da sociologia do desenvolvimento e da sociologia histórico-comparada. Esse trânsito não apenas ampliou sua influência acadêmica, mas também contribuiu para consolidar sua posição como um intérprete relevante das transformações econômicas e políticas da América Latina⁹.

É justamente essa trajetória marcada por deslocamentos teóricos e reposicionamentos estratégicos que se tornaria objeto de análise em estudos posteriores dedicados à sua obra. Entre essas interpretações, destacam-se as pesquisas de Lidiane Soares Rodrigues, que procuram compreender as variações nas tomadas de posição de Cardoso à luz das posições que ele ocupou ao longo de sua carreira intelectual. Ao investigar os diferentes momentos de sua trajetória — desde sua formação acadêmica até sua atuação em instituições internacionais e, posteriormente, na política nacional —, Rodrigues sugere que as mudanças em suas formulações teóricas podem

⁸ Essa ênfase na capacidade de ação de agentes internos, mesmo em contextos de dependência estrutural, encontra ressonância em debates contemporâneos à circulação de Alain Touraine na América Latina, particularmente em suas interlocuções com cientistas sociais brasileiros ao longo dos anos 1970. Como analisa Flávio da Silva Mendes (2019), a perspectiva touraineana buscava apreender a dinâmica das sociedades dependentes a partir da atuação de atores sociais e de sua capacidade de intervenção nos processos de mudança, relativizando leituras estritamente estruturalistas da dependência. Embora não coincidentes, tais formulações dialogam com interpretações que, como as de Cardoso, enfatizam a possibilidade de processos de modernização conduzidos por elites e coalizões internas mesmo sob condições de inserção periférica no capitalismo.

⁹ A projeção internacional da obra de Fernando Henrique Cardoso, especialmente a partir de suas formulações sobre dependência, contribuiu para sua inserção em debates centrais das ciências sociais no hemisfério norte, sendo frequentemente associado a esforços de renovação da sociologia histórico-comparada, como sugere Karim Abdalla Helayel (2021). Sua abordagem, ao articular análise da sociabilidade capitalista com atenção às dinâmicas históricas específicas das formações periféricas, dialoga com correntes críticas à sociologia do desenvolvimento de matriz parsoniana. Nesse sentido, é possível identificar afinidades metodológicas com autores como Reinhard Bendix e Barrington Moore Jr., que, embora não operem diretamente no interior da tradição marxista, mobilizam categorias históricas e comparativas em chave próxima à tipificação ideal de Max Weber tal como Cardoso, buscando compreender trajetórias diferenciadas de desenvolvimento capitalista.

ser compreendidas em relação às transformações de sua inserção nos campos acadêmico e político (RODRIGUES, 2025).

Essa hipótese permite iluminar um aspecto fundamental da produção intelectual de Cardoso: a maneira pela qual suas interpretações do marxismo e do desenvolvimento capitalista foram sendo reformuladas à medida que sua posição social e institucional se transformava. Longe de representar apenas um percurso linear de elaboração teórica, sua trajetória revela um processo contínuo de reconfiguração conceitual, no qual determinadas categorias são reinterpretadas, deslocadas ou mesmo abandonadas em função de novas condições históricas e institucionais.

No entanto, embora essa perspectiva seja particularmente fecunda para compreender as formas de engajamento de Cardoso com a tradição marxista, ela também levanta questões adicionais. Se, por um lado, a análise das posições ocupadas por um intelectual permite explicar variações em suas formulações teóricas, por outro, permanece em aberto o problema das consequências sociais dessas formulações. Em outras palavras, não se trata apenas de compreender como Cardoso mobiliza conceitos e categorias do marxismo ao longo de sua trajetória, mas também de investigar como essa mobilização contribuiu para moldar determinadas interpretações da realidade social e, eventualmente, para legitimar formas específicas de organização das relações sociais numa determinada conjuntura.

Nos estudos dedicados à trajetória de Cardoso, Rodrigues procura demonstrar que a relação do sociólogo brasileiro com o marxismo foi marcada por deslocamentos significativos ao longo do tempo. Em determinados momentos, o recurso às categorias marxianas desempenha papel central em suas análises, especialmente nas interpretações sobre o desenvolvimento capitalista no Brasil e nas discussões sobre dependência econômica. Em outros momentos, entretanto, observa-se um afastamento progressivo dessas referências, acompanhado da incorporação de perspectivas analíticas distintas, frequentemente mais próximas da sociologia política ou das abordagens institucionalistas do desenvolvimento (RODRIGUES, 2025).

Essa oscilação constitui um dos pontos centrais da hipótese formulada por Rodrigues. Segundo sua interpretação, a dificuldade de enquadrar Cardoso no interior do cânone do marxismo brasileiro tradicional decorre precisamente dessa trajetória marcada por reposicionamentos sucessivos. Em vez de representar uma adesão consistente e duradoura à tradição marxista, sua relação com o marxismo teria assumido formas variáveis, determinadas em grande medida pelas condições institucionais e pelos contextos nos quais sua atividade intelectual se desenvolveu (RODRIGUES, 2025).

Para compreender essas variações, Rodrigues mobiliza uma perspectiva analítica bourdesiana, que enfatiza a relação entre posições ocupadas pelos agentes em determinados campos sociais e as tomadas de posição que esses agentes expressam em sua produção intelectual. Nessa perspectiva, as ideias formuladas por um autor não podem ser compreendidas isoladamente, como se fossem apenas resultado de um percurso teórico abstrato. Elas estão profundamente vinculadas às trajetórias sociais dos intelectuais e às disputas que atravessam os espaços institucionais em que atuam.

Um exemplo particularmente ilustrativo dessa dinâmica aparece na análise de Rodrigues sobre o período em que Cardoso desenvolveu parte significativa de sua carreira acadêmica em universidades estrangeiras, especialmente nos Estados Unidos. Nesse contexto, a autora argumenta que sua produção intelectual passou a dialogar de forma mais intensa com determinados debates predominantes nas ciências sociais estadunidenses, o que teria contribuído para deslocamentos em sua forma de mobilizar categorias analíticas derivadas do marxismo (RODRIGUES, 2022).

Esse tipo de interpretação permite compreender a obra de Cardoso como resultado de um processo contínuo de ajustamento às condições estruturais dos espaços nos quais ele atuava. Em vez de assumir uma postura teórica fixa ou rigidamente vinculada a uma tradição específica, o autor teria mobilizado diferentes repertórios conceituais de acordo com as oportunidades e os constrangimentos presentes em cada momento de sua trajetória.

A hipótese formulada por Rodrigues (2012, 2022, 2025) apresenta, portanto, uma contribuição relevante para a compreensão da relação entre produção intelectual e trajetórias sociais. Ao enfatizar a dimensão relacional das tomadas de posição teóricas, sua análise ajuda a explicar por que determinados autores assumem posições aparentemente contraditórias ao longo de suas carreiras. Essas variações deixam de ser interpretadas como simples incoerências individuais e passam a ser compreendidas como parte de processos mais amplos de adaptação às dinâmicas dos campos sociais.

No caso específico de Cardoso, essa abordagem ilumina o modo como sua familiaridade com o marxismo foi mobilizada de diferentes maneiras ao longo de sua trajetória. Em determinados contextos, o domínio desse repertório conceitual contribuiu para reforçar sua legitimidade no interior de debates acadêmicos marcados pela influência do pensamento marxista¹⁰. Em outros contextos, esse mesmo repertório foi reinterpretado ou relativizado,

¹⁰ Um exemplo significativo desse processo pode ser observado na relação de Cardoso com Florestan Fernandes durante a elaboração de sua tese de doutorado, posteriormente publicada como *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Conforme destaca Helayel (2021) o domínio do repertório conceitual marxista por Cardoso foi

permitindo-lhe dialogar com tradições teóricas distintas e ampliar seu reconhecimento em outros espaços institucionais¹¹.

Entretanto, embora essa interpretação seja particularmente produtiva para compreender os deslocamentos presentes na obra de Cardoso, ela também apresenta certos limites analíticos quando se trata de avaliar as implicações sociais mais amplas de sua produção intelectual. Ao concentrar-se sobretudo na relação entre posições institucionais e tomadas de posição teóricas, essa abordagem tende a privilegiar a dimensão sociológica das trajetórias intelectuais, deixando em segundo plano o problema das funções ideológicas desempenhadas pelas ideias no interior das relações sociais.

Em outras palavras, a análise que enfatiza a relação entre trajetórias e posicionamentos no campo intelectual permite explicar por que determinados conceitos são mobilizados ou abandonados em diferentes momentos da carreira de um autor. No entanto, essa perspectiva nem sempre examina de forma sistemática os efeitos sociais dessas formulações teóricas. Ou seja, permanece em aberto a questão: de que maneira determinadas interpretações da realidade social contribuem para reforçar, legitimar ou naturalizar o bloco histórico hegemônico?

Essa lacuna torna-se particularmente relevante quando se considera a dupla inserção de Cardoso como intelectual e como sujeito primordialmente político. Diferentemente de muitos outros sociólogos cuja atuação permaneceu restrita ao campo acadêmico, Cardoso desempenhou um papel decisivo na vida política brasileira, ocupando posições institucionais de grande influência. Nesse contexto, suas formulações teóricas não podem ser analisadas apenas como intervenções no debate acadêmico; elas também se articulam a projetos políticos concretos e a determinadas formas de organização das relações sociais.

decisivo para sua legitimação no interior de um ambiente acadêmico fortemente marcado por essa tradição, no qual Fernandes ocupava posição central como autoridade intelectual. Tal inserção também é analisada por Luiz Alexandre Barbosa Pinto Jr. (2016) em estudo sobre a obra de Fernandes, evidenciando como a interlocução com o marxismo operava como critério relevante de consagração no campo uspiano. Nesse sentido, o recurso às categorias marxianas pode ser compreendido não apenas como adesão teórica, mas também como elemento de posicionamento estratégico no interior das disputas por reconhecimento acadêmico.

¹¹ O deslocamento das posições intelectuais de Cardoso no meio institucional pode ser observado por sua passagem pelo Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), criado na década de 1950 no interior de um esforço mais amplo de institucionalização das ciências sociais no Brasil e fortemente vinculado aos debates nacional-desenvolvimentistas do período, e, posteriormente, sua atuação central na fundação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), em 1969. Como indicam as análises de Sergio Miceli (1995) sobre a reorganização das ciências sociais brasileiras no período pós-1964, a criação do CEBRAP reuniu intelectuais afastados das universidades pelo regime militar e constituiu um novo espaço de produção científica nas humanidades marcado por maior interlocução internacional e diversificação teórica. Nesse contexto, observa-se um deslocamento que acompanha a ampliação dos circuitos institucionais de atuação de Cardoso, favorecendo a reinterpretção de seu repertório analítico em diálogo com novas agendas de pesquisa e formas de inserção intelectual.

É justamente nesse ponto que a articulação entre a crítica da ideologia desenvolvida por Karl Marx e a reflexão de Antonio Gramsci sobre a função dos intelectuais oferece instrumentos analíticos adicionais. Ao enfatizar o papel das ideias na reprodução das relações sociais, essas perspectivas permitem deslocar o foco da análise para as consequências históricas da produção intelectual.

Assim, em vez de limitar-se a examinar como Cardoso mobiliza diferentes repertórios conceituais ao longo de sua trajetória, torna-se possível investigar de que maneira essas mobilizações participam da construção de determinadas visões de mundo que contribuem para legitimar formas específicas de organização social. Nesse sentido, a análise da obra de Cardoso pode ser orientada não apenas pela reconstrução de suas tomadas de posição no campo intelectual, mas também pela investigação de seu papel na produção de interpretações que influenciaram a maneira como a dinâmica capitalista brasileira foi compreendida e politicamente administrada.

É precisamente nessa direção que se orienta a hipótese desenvolvida neste trabalho. Ao mobilizar os instrumentos analíticos fornecidos pela crítica marxiana da ideologia e pela reflexão gramsciana sobre a intelectualidade, propõe-se compreender a trajetória intelectual de Cardoso como parte de um processo no qual conceitos e categorias originalmente vinculados à tradição crítica do marxismo são rearticulados de maneira a favorecer determinadas interpretações da realidade social, potencialmente compatíveis com a reprodução das relações de dominação existentes.

Na tradição inaugurada por Marx, a ideologia não deve ser compreendida simplesmente como um conjunto de ideias falsas ou ilusórias. Trata-se, antes, de formas de pensamento que expressam e, ao mesmo tempo, ocultam as relações sociais que estruturam uma determinada formação histórica.¹² Ao apresentar essas relações como naturais, inevitáveis ou universalmente benéficas, as ideologias contribuem para estabilizar as estruturas de dominação que organizam a vida social. Nesse sentido, a crítica da ideologia não consiste apenas em denunciar erros conceituais, mas em revelar os vínculos entre determinadas representações do mundo social e os interesses materiais que elas tendem a favorecer.

Essa perspectiva ganha novos desdobramentos na reflexão de Gramsci sobre os processos de construção da hegemonia. Para o pensador sardo, a dominação social nas sociedades capitalistas modernas não se sustenta apenas pela coerção exercida pelo aparato

¹² Marx (2007) lembra que a possibilidade concreta de uma falsa consciência sobre a realidade – ou uma consciência invertida sobre ela –, só ocorre pela realidade mesma se apresentar aos sujeitos conhecedores da realidade de maneira falseada – ou invertida, tal como uma câmera obscura.

estatal, mas também pela capacidade de determinados grupos sociais de apresentar seus interesses particulares como se fossem interesses universais. Esse processo depende da elaboração de concepções de mundo que organizam o senso comum e orientam a interpretação que os indivíduos fazem da realidade social (GRAMSCI, 2000).

As intelectuais desempenham um papel central nesse processo. Eles atuam como mediadores entre os grupos sociais e as formas de consciência que tornam possível a construção da hegemonia. Ao elaborar sistemas de pensamento, interpretações históricas e diagnósticos sobre a sociedade, os intelectuais contribuem para estruturar os horizontes de compreensão dentro dos quais as práticas políticas e sociais se desenvolvem (GRAMSCI, 2000).

Quando essa perspectiva é aplicada à trajetória de Fernando Henrique Cardoso, torna-se possível observar que sua produção intelectual participa de um processo complexo de reelaboração de categorias originalmente associadas à tradição crítica do marxismo. Em seus trabalhos iniciais, particularmente aqueles voltados para a análise do desenvolvimento capitalista no Brasil, Cardoso mobiliza conceitos derivados da obra de Marx para examinar as formas específicas de configuração da dinâmica capitalista nacional contrastadas às formas consideradas clássicas pela sociologia e pelas diversas correntes de pensamento marxistas.

Entretanto, ao longo de sua trajetória, essas categorias passam por um processo de reinterpretação que altera significativamente seu significado político e analítico. Em vez de serem utilizadas para enfatizar as contradições estruturais do capitalismo e as possibilidades de sua superação histórica, elas passam a servir como instrumentos para descrever os mecanismos de funcionamento do próprio sistema e as condições sob as quais seu desenvolvimento poderia ocorrer de forma relativamente estável.

Esse deslocamento pode ser observado, por exemplo, na transição analítica realizada entre os trabalhos orientados por Florestan Fernandes e aqueles relacionados aos debates sobre a dependência. Se nos primeiros a ênfase era dada nas formas não-clássicas da dinâmica capitalista brasileira (HELAYEL, 2021), nos seguintes, a partir de seus trabalhos no IBESP e no exílio, reconhece as tensões de classe e o caráter conservador da burguesia nacional e a realização de um padrão de sociabilidade capitalista em condições de dependência (HELAYEL, 2021). Cardoso introduz uma interpretação que relativiza o caráter estruturalmente limitador dessas relações, compatibilizando a análise da dependência com a ideia de que determinados arranjos institucionais e alianças políticas poderiam viabilizar processos de modernização econômica dentro dos limites do próprio sistema, ao invés de conduzir a uma crítica radical da ordem capitalista internacional.

Esse tipo de formulação contribui para deslocar o eixo da crítica social. Se, em determinadas leituras marxistas, a dependência era concebida como expressão das contradições fundamentais do capitalismo mundial, nas interpretações desenvolvidas por Cardoso ela tende a ser tratada como uma condição estrutural dentro da qual estratégias específicas de desenvolvimento poderiam ser implementadas. A ênfase desloca-se, assim, da transformação das estruturas sociais para a gestão política das condições existentes.

Sob a perspectiva da crítica da ideologia, esse deslocamento assume uma importância particular. Ao reformular categorias originalmente vinculadas à crítica do capitalismo de maneira compatível com a administração de suas formas concretas de funcionamento, a produção intelectual de Cardoso contribui para redefinir os termos do debate sobre desenvolvimento, dependência e transformação social. Conceitos que poderiam servir para problematizar as bases estruturais da dinâmica capitalista passam a ser incorporados a interpretações que enfatizam a viabilidade de estratégias de adaptação e modernização dentro dessa mesma ordem.

Esse processo torna-se ainda mais significativo quando se considera a posterior trajetória política de Cardoso. Ao ocupar posições centrais no Estado brasileiro, especialmente durante o período em que exerceu a presidência da República, suas formulações teóricas passaram a se articular diretamente com projetos políticos concretos. Nesse contexto, as interpretações do desenvolvimento e do funcionamento do capitalismo elaboradas em sua produção acadêmica podem ser vistas também como parte de um repertório conceitual que contribuiu para legitimar determinadas orientações de política econômica e institucional¹³.

Do ponto de vista gramsciano, essa articulação entre produção intelectual e ação política permite compreender Cardoso como um intelectual cuja atividade se insere diretamente nos processos de construção de hegemonia. Sua atuação não se limita à elaboração abstrata de diagnósticos sociológicos, mas envolve também a formulação de interpretações da realidade social capazes de orientar práticas políticas e de influenciar a maneira como diferentes grupos sociais compreendem o funcionamento da sociedade.

¹³ Um contraste elucidativo pode ser estabelecido com a trajetória de Celso Furtado, tal como analisada por Afrânio Garcia Jr. (2004), que destaca o caráter cruzado das trajetórias desses intelectuais. Enquanto Cardoso realiza um percurso que parte da consagração acadêmica em direção à atuação política no interior do Estado, Furtado percorre um caminho inverso, no qual a experiência em posições estatais precede e informa sua sistematização teórica posterior. Essa diferença não é meramente biográfica: ela implica formas distintas de articulação entre produção intelectual e intervenção política. No caso de Cardoso, observa-se uma reconfiguração de categorias analíticas em diálogo com a prática governamental, ao passo que, em Furtado, a elaboração teórica tende a preservar maior continuidade com a crítica das estruturas de dependência, mesmo quando vinculada à ação estatal.

É nesse sentido que a noção de ideólogo se torna particularmente útil para interpretar sua trajetória. Tal como os ideólogos criticados por Marx em suas análises da filosofia alemã do século XIX, Cardoso demonstra um domínio sofisticado de conceitos e categorias provenientes de tradições teóricas críticas. No entanto, esses conceitos são frequentemente mobilizados de maneira que desloca ou neutraliza seu potencial crítico original, transformando-os em instrumentos de interpretação compatíveis com a reprodução das estruturas sociais existentes.

Isso não significa que sua produção intelectual possa ser reduzida a uma simples defesa consciente de interesses de classe específicos. A função ideológica das ideias raramente se manifesta de maneira direta ou intencional. Mais frequentemente, ela opera por meio de deslocamentos conceituais, reformulações analíticas e reinterpretações históricas que tornam determinadas configurações sociais mais facilmente aceitáveis ou inteligíveis dentro do horizonte do possível, acarretando a adoção de uma estratégia de posição intelectual que, à esteira de István Mészáros (2002), poderíamos chamar de “linha de menor resistência”¹⁴.

Sob esse prisma, sua trajetória intelectual pode ser compreendida como parte de um processo mais amplo de reconfiguração do pensamento crítico na conjuntura mundial desde a segunda metade do século XX. À medida que determinados projetos de transformação social perderam força no cenário internacional, categorias analíticas originalmente associadas a essas tradições críticas passaram a ser reinterpretadas em chave mais compatível com a administração do capitalismo contemporâneo.

A partir dessa perspectiva, interpretá-lo como ideólogo não significa simplesmente classificá-lo como um pensador conservador ou como um opositor da tradição marxista. Trata-se, antes, de compreender como sua produção intelectual participa de um processo mais complexo de reelaboração de conceitos, no qual categorias originalmente associadas à crítica radical da ordem social são progressivamente rearticuladas de maneira compatível com a reprodução das estruturas existentes.

CONCLUSÃO

¹⁴ A noção de “linha de menor resistência” refere-se às estratégias teóricas e políticas que, diante das contradições estruturais do capitalismo, tendem a evitar o enfrentamento de seus fundamentos, privilegiando soluções compatíveis com a sua reprodução. Em vez de orientar-se por uma crítica radical das determinações sistêmicas, tais abordagens operam por meio de acomodações conceituais e práticas que tornam a ordem vigente mais inteligível e administrável, ainda que à custa da atenuação de seu potencial transformador. Trata-se, portanto, de uma conduta que, ao não romper com a dinâmica societal estruturada, acaba por reforçar sua continuidade, mesmo que sob novas formulações.

A síntese apresentada ao longo deste trabalho buscou compreender a trajetória intelectual de Fernando Henrique Cardoso a partir de uma perspectiva que articula a sociologia dos intelectuais com a crítica da ideologia. Partindo da premissa de que os intelectuais devem ser analisados como sujeitos históricos inseridos em relações sociais específicas, procurou-se examinar de que maneira as formulações teóricas de Cardoso se relacionam com as posições que ocupou ao longo de sua trajetória e com as disputas mais amplas que atravessaram o campo intelectual e político brasileiro.

Nesse sentido, o estudo de trajetórias intelectuais específicas permite identificar os mecanismos pelos quais determinadas interpretações da realidade social se tornam dominantes em determinados contextos históricos. Ao analisar a circulação de conceitos, categorias analíticas e diagnósticos sobre as formações societais, torna-se possível compreender como diferentes projetos políticos e sociais se apoiam em determinadas representações do mundo social.

A trajetória de Fernando Henrique Cardoso apresenta particular interesse nesse tipo de investigação. Formado no interior de um ambiente acadêmico fortemente marcado pela recepção do pensamento marxista nas ciências sociais brasileiras, Cardoso participou ativamente de debates teóricos decisivos sobre o desenvolvimento do capitalismo na América Latina. Sua produção intelectual inicial dialogava intensamente com categorias derivadas da obra de Karl Marx e buscava interpretar as especificidades históricas das sociedades periféricas no interior da economia mundial.

Entretanto, como demonstrado ao longo do trabalho, essa relação com o marxismo foi marcada por deslocamentos importantes ao longo de sua trajetória. A análise das pesquisas de Lidiane Soares Rodrigues permitiu evidenciar como esses deslocamentos podem ser compreendidos à luz das transformações nas posições ocupadas por Cardoso nos diferentes espaços institucionais em que atuou. Ao longo de sua carreira, ele transitou por distintos contextos acadêmicos e políticos, o que contribuiu para a reconfiguração de suas tomadas de posição teóricas.

Embora essa interpretação seja particularmente fecunda para compreender as variações presentes em sua obra, este trabalho buscou avançar além dessa perspectiva ao problematizar as consequências sociais da produção intelectual de Cardoso. Em vez de limitar-se à análise das relações entre posições institucionais e tomadas de posição teóricas, procurou-se investigar também o papel desempenhado por suas formulações no interior das disputas ideológicas que atravessam a sociedade.

A partir da articulação entre a crítica marxiana da ideologia e a reflexão gramsciana sobre os intelectuais, foi possível sugerir que a produção intelectual de Cardoso participa de um processo mais amplo de reelaboração de categorias originalmente associadas à tradição crítica do marxismo. Ao longo de sua trajetória, conceitos e problemáticas derivadas dessa tradição foram progressivamente reinterpretados de maneira a enfatizar as possibilidades de desenvolvimento e gestão do capitalismo em contextos periféricos, em detrimento de perspectivas voltadas à crítica radical das estruturas sociais existentes.

Esse processo não deve ser compreendido apenas como resultado de escolhas individuais ou de simples mudanças de orientação teórica. Ele se insere em transformações históricas mais amplas que afetaram tanto o campo intelectual quanto o cenário político internacional nas últimas décadas do século XX. A crise dos projetos revolucionários e a consolidação de novas formas de organização do capitalismo global criaram condições nas quais determinadas tradições críticas passaram a ser reinterpretadas ou rearticuladas em novos marcos analíticos e políticos.

Interpretar Cardoso como um ideólogo, portanto, não significa reduzir sua obra a um conjunto de formulações meramente apologéticas da ordem social existente, embora ela se torne objeto representativo dessa postura. Trata-se, antes, de reconhecer que sua produção intelectual participa de processos mais amplos de elaboração de concepções de mundo que contribuem para estruturar a forma como determinadas relações sociais são compreendidas e politicamente administradas na dinâmica moderna num sentido conservador, e não revolucionário, algo próximo daquilo que Gyorgy Lukács (2010) afirma ser o fenômeno da decadência ideológica.

Por fim, esse tipo de abordagem também sugere a necessidade de aprofundar o estudo das relações entre intelectuais, ideologia e poder nas sociedades contemporâneas. A compreensão dessas relações é fundamental para analisar os processos pelos quais determinadas interpretações da realidade social se tornam dominantes e para avaliar criticamente os limites e as possibilidades das tradições teóricas que buscam interpretar e transformar o mundo social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo”. In: **História: a arte de inventar o passado**. Bauru : EDUSC, 2007.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil**. São Paulo : Difel, 1972.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. – 8ª ed. – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2011.

CARDOSO, Irene. **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo : Cortez, 1982.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. – 2ª ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2010.

DOS SANTOS, Theotonio. **A teoria da dependência**: balanço e perspectivas. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1970.

GARCIA JR., Afrânio. “A dependência da política: Fernando Henrique Cardoso e a sociologia no Brasil”. **Tempo Social**, 16(1), 285-300, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000.

HELAYEL, Karim Abdalla. **Fernando Henrique Cardoso**: um perfil intelectual. São Paulo : Hucitec, 2021.

KONDER, Leandro. **História das ideias socialistas no Brasil**. São Paulo : Expressão Popular, 2003.

LUKÁCS, György. “Marx e o problema da decadência ideológica” In: **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo : Expressão Popular, 2010.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**: introdução à sociologia do conhecimento. – 4ª ed. – Rio de Janeiro : LTC, 2001.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. – 7ª ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1992.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**. Rio de Janeiro : Vozes, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner. São Paulo : Boitempo, 2007.

MENDES, Flávio da Silva. “Alain Touraine e o Brasil: atores sociais e dependência em diálogos dos anos 1970”. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.106, 2019.

MERTON, Robert K. **Sociologia**: teoria e estrutura. São Paulo : Mestre Jou, 2013.

MÈSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo : Boitempo, 2002.

MICELI, Sergio. “A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992”. **História das Ciências Sociais no Brasil**. v. 2. São Paulo : Sumaré, 1995.

PINTO JÚNIOR, Luiz Alexandre Barbosa. A dinâmica das classes sociais no pensamento de Florestan Fernandes. 2016. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. Marília, 2016.

RIDENTI, Marcelo. “Os anos vermelhos de um sociólogo”. **Tempo Social**, v. 17, n. 1, 2005.

RODRIGUES, Lidianne Soares. **A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)**. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Lidianne Soares. “Fernando Henrique Cardoso nos Estados Unidos da América: a obra de um scholar, um scholar como obra”. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 273-293, mai-ago. 2022.

RODRIGUES, Lidianne Soares. “Fernando Henrique Cardoso e o marxismo brasileiro: tomadas de posição à luz de suas posições”. In: BELINELLI, Leonardo; LIMA, Pedro Luiz; HELAYEL, Karim (org.). **Fernando Henrique Cardoso: modos de ler**. São Paulo : Hucitec, 2025.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: **As ideias fora do lugar**. São Paulo : Penguin - Companhia, 2014.

CHECKLIST PARA PAPER COMPLETO	
NORMAS	ASSINALAR COM “✓” OU “OK”
Logo do 14º SNS&P na primeira página	
Texto entre 12 e 15 páginas (excluindo capa e referências)	
Formato de papel A4	
Margens superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm	
Fonte Times New Roman, tamanho 12	
Recuo de 1,25 cm para a primeira linha de cada parágrafo	
Espaço entre linhas de 1,5	
Referências conforme normas o “Manual de Normalização de Documentos Científicos de acordo com as normas da ABNT” [UFPR]: < https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73330 >	
Conversão do arquivo em .pdf	